

TRADUÇÃO COMENTADA DO ATO III DA PEÇA *SAVAGES*, DE
CHRISTOPHER HAMPTON, 1974: LITERATURA TRADUZIDA COMO
REMINISCÊNCIA HISTÓRICA

*A COMMENTED TRANSLATION OF CHRISTOPHER HAMPTON'S SAVAGES
(1974) ACT III: TRANSLATED LITERATURE AS A HISTORICAL REMINDER*



Davi Silva GONÇALVES¹
Doutorando em Estudos da Tradução (PGET)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
goncalves.davi@hotmail.com

Resumo: Ainda que, todavia, resista muita discussão sobre o suposto antagonismo domesticar vs. estrangeirizar (VENUTI, 2002), é importante ter em mente que muito das escolhas do tradutor dependem diretamente do seu escopo, além do tempo, do espaço e do contexto do público receptor – ou seja, depende por completo do seu projeto de tradução (NORD, 1997, p. 49). Na minha tradução do terceiro ato da peça *Savages*, escrita em 1973 pelo dramaturgo inglês Christopher Hampton, optei por um caminho que, pode-se dizer, me coloca entre o domesticador e o estrangeirizante. Já que não tenho restrições quanto ao meio textual (NORD, 1997, p. 50) ou aos possíveis receptores do texto (atores e leitores), em vez de limitar minhas escolhas visando a uma narrativa que devesse necessariamente ser encenada, ou apenas lida, não privilegio nenhum desses caminhos particularmente – tento, ao invés disso, seguir ambos ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Tradução Comentada. *Selvagens*. Christopher Hampton.

Abstract: *Even though there is still much discussion on the supposed antagonism played by domesticate vs. foreignise (VENUTI, 2002) it is important to bear in mind that many translation choices depend directly on his/her scope, besides the time, space, and context of the receiving audience – i.e. it depends completely on the translation project (NORD, 1997, p. 49). In my translation, of the third act of the play Savages, written in 1973 by British playwright Christopher Hampton, I chose for a path that, if you will, puts me between the domesticator and the foreigniser. Since I have no restrictions concerning the textual medium (NORD, 1997, p. 50) or the possible receptors of this text (actors and readers), instead of restricting my choices vis-à-vis the narrative as if necessarily aimed at the stage, I do not privilege any of these ways – but endeavour to follow both at the same time.*

Keywords: *Commented Translation. Savages. Christopher Hampton.*

Na minha tradução do terceiro ato da peça *Savages*, escrita em 1973 pelo dramaturgo inglês Christopher Hampton, optei por um caminho que, pode-se dizer, me coloca entre o domesticador e o estrangeirizante. Explico: já que não tenho nenhuma restrição com relação ao meio textual (NORD, 1997, p. 50), nem naquilo que concerne aos possíveis receptores de tal texto (atores e leitores), ao invés de limitar minhas escolhas tendo

em vista uma narrativa como se esta viesse a ser necessariamente encenada ou necessariamente apenas lida, eu não segui especificamente nenhum desses dois possíveis caminhos. Escolher entre um deles simplificaria, talvez, muita coisa, já que existiriam meios convencionais para serem seguidos – notas de rodapé seriam, por exemplo, provavelmente deixadas de lado se meu foco fosse a encenação. Ainda que, todavia, resista muita discussão sobre o suposto antagonismo domesticar vs. estrangeirizar (VENUTI, 2002), é importante ter em mente que muito das escolhas do tradutor dependem diretamente do seu escopo, além do tempo, do espaço e do contexto do público receptor – ou seja, depende por completo do seu projeto de tradução (NORD, 1997, p. 49). Logo, tendo sido escrito há quase meio século, a minha tradução deste texto é sim acompanhada por notas de rodapé – o que julguei efetivo para enriquecer a função referencial que todo texto possui (NORD, 1997, p. 52), e que, no caso de *Savages* (HAMPTON, 1973), pelo menos para mim, isso faz todo o sentido.

No ato traduzido, em dez momentos distintos quando a narrativa faz referência a pessoas, a eventos ou a corporações que eram, talvez, comuns aos seus primeiros leitores, acrescentei notas explicativas justamente por pensar que na contemporaneidade tais referências, apesar de não terem se tornado obsoletas, já estão relativamente distantes de nós. Essas notas concernem ao que segue: (I) M.R.B.; (II) Ehrenfried Anton Theodor Ludwig von Holleben; (III) Giovanni Enrico Bucher; (IV) Ato Institucional 5, 13/12/1968; (VI) A reintrodução da pena de morte no mês de setembro de 1969; (VII) Carlos Marighella; (VIII) Mario Alves; (IX) Joaquim Câmara Ferreira; (X) DOPS; e (XI) o Esquadrão da Morte. Como sugere o texto de Venuti (2002, p. 153), tal processo seria o de estrangeirizar o texto, já que nele a voz do tradutor se evidencia e, através dela, a narrativa é – abertamente – transformada, evidenciando um diálogo entre texto/contexto de partida e de chegada. Na visão do tradutólogo teórico, tal diálogo teria função de contribuir para a formação crítica dos receptores deste texto – incapazes de ignorar o fato de ele ter sido traduzido. Por outro lado, seria desonesto alegar que minha postura estrangeirizante foi seguida à risca do início ao fim do processo tradutório, já que, em momentos onde achei que o estranhamento traria menos contribuições do que uma possível simplificação, acabei domesticando a narrativa de Hampton (1973). Quando West diz, no original, “*Oh, really!*” (HAMPTON, 1973, p. 28) traduzi tal expressão para “(irônico) Não mente!”, justamente para deixar claro o sarcasmo presente na fala do personagem – e para evitar interpretações mais superficiais, pensando

também em uma possível montagem da peça, na qual os atores teriam essa informação extra acerca do contexto no qual tais palavras foram ditas.

A introdução da palavra “irônico” ao início da fala do personagem opera de maneira bastante comum em peças montadas, exercendo o que Nord (1997, p. 47) chama de função apelativa. Tal função, sugere ela, é a de persuadir os leitores ou atores acerca da forma como os termos traduzidos devem ser materializados, processo comum no âmbito teatral. Ao traduzir “*He reads some of the manifesto quickly through to himself*” para “Ele lê um pouco do manifesto em voz baixa”, ignorei por completo o advérbio “*quickly*” (rapidamente) presente no original. Advérbios são muito comuns na língua inglesa, diga-se de passagem, e aqui, além do “rapidamente” me parecer um tanto supérfluo, talvez mantê-lo prejudicasse o alto grau de oralidade deste excerto específico da fala de West. Ou seja, uma fidelidade com relação ao texto seria, aqui, análoga a uma infidelidade ao efeito. Outras atuações de minha parte que podem ser interpretadas como “domesticadoras” dizem respeito à tradução das palavras “*ludicrous*” para “ridículos” e “*spurious*” para “fraudulenta”. Minhas escolhas, aqui, se motivam pelo fato de que as palavras “lúdico” e “espúria” (traduções mais “fiéis” dos termos originais) seriam demasiadamente formais e rebuscadas ao serem comparadas aos seus equivalentes no inglês britânico utilizados há meio século. Outro momento em que meus procedimentos domesticatórios foram motivados pela manutenção da oralidade, e ainda tendo em vista a distância temporal e espacial dos textos de chegada e partida, consiste em outra fala de West: “*I’m sure that’s very thoughtful of you*” (HAMPTON, 1973, p. 30). Minha escolha para esta mesma frase foi: “Agradeço a consideração”, já que manter o texto exatamente como o original (algo como “estou seguro de que isso é muito atencioso de sua parte”) tornaria a minha tradução, a meu ver, muito verborrágica – prejudicando, novamente, o caráter de oralidade desta fala. Este tipo de preocupação estaria próximo daquilo que Nord (1997, p. 42) alega ser a função expressiva de algumas escolhas tradutórias.

Ainda com relação à oralidade, o mesmo espaço de entre-lugar no qual busco colocar minha tradução no que concerne às posturas domesticadora ou estrangeirizante também motiva minha reflexão no que diz respeito às marcas de oralidade de Hampton (1973). Isto porque penso que seria impossível simplesmente privilegiar ou simplesmente abstrair os aspectos orais e informais comuns nos diálogos de *Savages* (HAMPTON, 1973) exatamente porque cada idioma e contexto carregam suas próprias funções fáticas e expressivas (NORD, 1997). Exemplos dessa dicotomia podem ser vistos nos seguintes momentos: quando

Hampton (1973, p. 28) usa abreviações como “*Don’t [...]. No, don’t*”, traduzo o mesmo trecho como “Não [...]. Não precisa ler” justamente porque em português inexitem verbos auxiliares que evidenciariam o caráter de oralidade desta frase. Por outro lado, é possível contornar tal situação quando, por exemplo, o personagem Carlos usa a preposição “*to*” – que traduzo como “pra” (ortograficamente incorreta na norma culta, mas amplamente comum na produção oral em português do Brasil) em vez de “para”, precisamente para compensar aspectos de oralidade que podem ter sido perdidos em eventos como o descrito anteriormente.

Parece claro, da mesma forma, que para cumprir a sua função fática (NORD, 1997, p. 48), a tradução de uma peça se situa necessariamente, ainda que inconscientemente, nos arredores de um palco – mesmo que seu propósito não seja diretamente a encenação do texto traduzido. Isto porque parte fundacional do texto dramático é o seu caráter performático, que o afasta de outros tipos de narrativa (como romances, contos ou poemas) e o aproxima de outros discursos mais comuns ao cotidiano dos receptores deste texto. Sendo assim, minha tradução deixa de lado boa parte das descrições que faz a narrativa de Hampton – como quando este explica que MRB seria o equivalente a “Movimento Revolucionário Brasileiro” ou então que DOPS consiste em “Departamento de Ordem Policial e Social”. Dentro do texto, essas descrições soariam minimamente desnecessárias e pouco verossimilhantes – já que dificilmente os falantes explicariam o que MRB ou DOPS significam, principalmente em um diálogo onde todos os que dele tomam parte são altamente politizados (logo, conhecedores dos significados de tais siglas). Por outro lado, ainda que talvez tais descrições fossem necessárias para leitores britânicos – mesmo que contemporâneos ao surgimento destas corporações –, é também verdade que os receptores brasileiros contemporâneos não vivem mais naquele contexto – por mais que ambas referências tenham manchado eternamente a história de nosso país. Por isso a minha escolha foi a de retirar as descrições das siglas do texto e transferi-las para o paratexto – criando novas notas do tradutor para definir, até com mais profundidade, tanto MRB quanto DOPS. É sempre válido refrescar a memória com relação a corporações como estas duas; afinal, com o passar dos anos, muitos parecem esquecer-se deste mundo infelizmente não tão distante – como os últimos eventos políticos nos têm sugerido.

ACT THREE

**HAMPTON, Christopher. *Savages*. UK, London:
Faber & Faber, 1974, p. 26-31**

A dark, dingy bedroom with a single bed. WEST is lying on it, tied to the frame, a black canvas hood over his head. He sits up with a start, as far as this is possible, when CARLOS comes into the room, holding a piece of paper

CARLOS: How are you?

WEST: Incredibly uncomfortable.

WEST: Yes, I'm sorry about this. I hope before the end of the day we'll be able to arrange something more satisfactory. Handcuffs.

WEST: Sounds wonderful.

CARLOS: But we've been very busy at the moment.

WEST: Think nothing of it.

CARLOS: I've come to explain why this has happened to you.

WEST (muffled): Does it matter?

CARLOS: I beg your pardon.

WEST: Does it matter?

CARLOS: Well, it matters to us. And so, I suppose, in the circumstances, it matters to you as well. *(Pause.)* We are members of the M.R.B., the Movimento Revolucionário Brasileiro, and we have kidnapped you in order to achieve certain political aims. We have asked for the release of twenty-five

ATO TRÊS

(Minha tradução)

Um quarto escuro e sujo, com apenas uma cama de solteiro. WEST está deitado, amarrado à cabeceira da cama, há um capuz de lona na sua cabeça. Num ímpeto, ele tenta se sentar da melhor forma possível quando Carlos entra no cômodo, segurando um pedaço de papel.

CARLOS: Como você está?

WEST: Incrivelmente desconfortável.

CARLOS: É. Eu peço desculpas por isso. Espero que a gente consiga providenciar algo mais satisfatório antes do fim do dia. Algemas.

WEST: Que ótimo.

CARLOS: Mas, no momento, estamos muito ocupados.

WEST: Não tem problema.

CARLOS: Eu vim aqui pra explicar por que você está passando por isso.

WEST (resmungo): E isso tem alguma importância?

CARLOS: Como?

WEST: E isso importa?

CARLOS: Bem, pra nós importa. E sendo assim eu suponho que, nas dadas circunstâncias, importa pra você também. *(Pausa)* Nós somos membros do M.R.B¹, e nós te sequestramos em função de alguns interesses políticos. Nós pedimos a libertação de vinte e cinco prisioneiros...

political prisoners...

WEST: Twenty-five?

WEST: Vinte e cinco?

CARLOS: Yes.

CARLOS: Sim.

WEST: Is that all?

WEST: Só isso?

CARLOS: Well, yes.

CARLOS: Bem, sim.

WEST: But you got forty for that German.

WEST: Mas vocês conseguiram quarenta por aquele alemão².

CARLOS: Yes, but he was the ambassador...

CARLOS: É, mas ele era o embaixador...

WEST: And seventy for the Swiss ambassador...

WEST: E setenta pelo embaixador suíço³...

CARLOS: You don't think we've asked for enough?

CARLOS: Você acha que podíamos ter pedido mais?

WEST: No, I'm sure Her Majesty's Government will feel most affronted.

WEST: Não, tenho certeza de que o Governo de Sua Majestade verá isso como uma enorme afronta.

CARLOS: Well...

CARLOS: Bem...

WEST (*muffled*): They probably take it as some sort of slight...

WEST (*resmungo*): Provavelmente eles acham que isso é apenas um...

CARLOS: What?

CARLOS: O quê?

WEST: I say they're probably annoyed you didn't kidnap the ambassador

WEST: Eu diria que, provavelmente, eles estão chateados por vocês não terem sequestrado o embaixador.

CARLOS: The security...

CARLOS: A segurança...

WEST: *I'm* annoyed you didn't kidnap the ambassador.

WEST: *Eu* estou chateado por você não ter sequestrado o embaixador.

CARLOS: The security arrangements have become far more efficient recently.

CARLOS: A organização da segurança tem se tornado mais efetiva a cada dia.

WEST: You can't be speaking of the British

WEST: Você não pode estar falando da Embaixada

embassy.

(Brief silence)

CARLOS: We have asked, as I say, for the release of twenty-five prominent political prisoners, together with a safe conduct and facilities for flying them to Cuba. Then we have asked for 100.000 dollars, which is merely a formality, because, as you know, these people rather give us their mothers than part with any real cash, so that's kind of bargaining point. Finally, we've demanded, which is very important to us, that our manifesto (*he indicates his piece of paper*) is broadcast on TV and radio and released by the national and foreign press. I'm going to read it to you.

WEST: No.

CARLOS: No?

WEST: No, don't.

CARLOS: Well, we think it's very important for you to know and understand why we've done this to you, which is not a thing we like to do to anybody, you know? (*He reads some of the manifesto quickly through to himself, muttering*). Hmmm, hmm, yes, I'll miss out the first bit, this is about the heart of it, I think. "We wish to draw the attention of the world to the fact that with the passing of the Institutional Acts, and in particular the fifth Institutional Act of 13th December 1968, the military dictatorship has transformed itself into the most repressive government anywhere in the world..."

WEST: Oh, really!

CARLOS: "The measures it has introduced include:

Britânica.

(Silêncio breve.)

CARLOS: Como eu já disse, nós pedimos a libertação de vinte e cinco prisioneiros políticos de importância proeminente, junto com um salvo-conduto e meios para instalá-los em Cuba. Então, pedimos 100.000 dólares, que se trata de uma mera formalidade, já que, como você sabe, essa gente prefere nos dar suas mães a entregar dinheiro vivo, então isso é apenas parte do negócio. Por fim, nós exigimos, e este é um ponto crucial pra nós, que nosso manifesto (*ele indica seu pedaço de papel*) seja transmitido na TV e no rádio e difundido pela imprensa nacional e internacional. Eu vou ler pra você.

WEST: Não.

CARLOS: Não?

WEST: Não precisa ler.

CARLOS: Bem, nós achamos muito importante que você conheça e entenda o porquê de termos feito isso com você, que não é algo que gostamos de fazer com ninguém, sabe? (*Ele lê um pouco do manifesto em voz baixa, murmurando*) Hum, hum, é, vou deixar o primeiro pedaço de lado, mas essa parte que é a alma do manifesto, eu acho. "Gostaríamos de convocar o mundo para voltar sua atenção para o fato de que, com o passar dos Atos Institucionais, e particularmente do Ato Institucional 5, de 13 de dezembro de 1968⁴, a ditadura militar se transformou no governo mais regressivo e repreensivo dentre todos do planeta..."

WEST: *(Irônico)* Não mente!

CARLOS: "As medidas trazidas incluem:

‘The suspension of all political rights and banning of all political parties except for the hired lackeys of the official opposition.

‘A suspensão de todos os direitos políticos e o banimento de todos os partidos políticos tirando aqueles dos lacaios contratados pela oposição oficial.

The imposition of blanket censorship and the silencing of all opposition newspapers by intimidation and compulsory withdrawal of advertising.

‘A imposição de uma censura coletiva e do silêncio de todos os jornais de oposição por meio de intimidações e da obrigação de se retirarem certas propagandas.

The promulgation of a law whereby non-conformity although nowhere defined is described as a crime against the State.

‘A promulgação de uma lei na qual a “não conformidade”, apesar de ser um termo nunca antes definido, é descrita como um crime contra o Estado.

The expulsion of one-quarter of the officer corps.

‘A expulsão de um quarto dos oficiais.

The appointment of government stooges as labour leaders and the stipulation that only candidates approved by the political police may stand in union elections.

‘A indicação de marionetes do governo como líderes trabalhistas e a estipulação de que somente candidatos aprovados pela polícia secreta podem competir em eleições da União.

The reorganisation of the Supreme Court and the dismissal of those of its judges who expressed dissent. The suspension of habeas corpus.

‘A reorganização da Suprema Corte e a demissão de quaisquer juízes que expressarem dissidência. A suspensão do habeas corpus.

The cowardice and cynicism of the military dictatorship extends from the smallest and most ludicrous details, such as the replacement of the official Senate historian...”

‘A covardia e cinismo da ditadura militar que vai dos detalhes menores e mais ridículos, como a troca do historiador oficial do Senado...”

WEST: Have they done that?

WEST: Fizeram isso?

CARLOS: Yes, they have.

CARLOS: Sim, fizeram.

WEST: Good god.

WEST: Meu Deus.

CARLOS: “...The replacement of the official Senate historian, to the most cruel and squalid barbarities such as the reintroduction in September 1969, after seventy-five years of abolition, of the death penalty, to give spurious legality to the murders

CARLOS: “...a troca do historiador oficial do Senado, até as barbaridades mais cruéis e esquálidas, como a reintrodução da pena de morte no mês de setembro de 1969⁵, depois de setenta e cinco anos da abolição, para dar uma legitimidade fraudulenta aos

of Carlos Marighela, Mario Alves, Joaquin Camara Ferreira, and countless other comrades in the struggle against Fascism.

The military dictatorship has lined its pockets by selling our country to the interests of U.S. capitalism, which it has allowed to exploit our resources and steal our land, while our people starve and suffer all the miseries of poverty and unemployment. Meanwhile, anyone who utters the merest whisper of protest risks joining the 12.000 political prisoners, including university professors, doctors, writers, students, priests and nuns, at present suffering detention and brutal torture in the regime's jails and concentration camps. Anyone who doubts this should visit the Department of Political and Social Order, where the corridors stink of burnt flesh, or confront the thugs of the Death Squad, whose hands are wet with innocent blood.'

This is what we are fighting against, comrades, and we shall fight, if necessary, to the death.

Death to U.S. Imperialism!

Down with the military dictatorship!"

That's all.

WEST: Quite enough.

CARLOS: What do you think?

WEST: I could quibble with your economic analysis.

CARLOS: This is not an analysis. This is a simple expression of the truth.

WEST: Well, I suppose you could look at it that

assassinatos de Carlos Marighela⁶, Mario Alves⁷, Joaquim Câmara Ferreira⁸ e incontáveis outros camaradas que sempre estiveram na luta contra o Fascismo.

“A ditadura militar colocou as contas em dia vendendo nosso país para os interesses do capitalismo americano, que deu aos EUA a permissão de explorar nossos recursos e roubar nossas terras, enquanto nosso povo morre de fome e passam por todos os transtornos da pobreza e desemprego. Enquanto isso, qualquer um que resolver demonstrar a menor insatisfação corre o risco de se juntar aos 12.000 presos políticos, dentre eles professores universitários, doutores, escritores, estudantes, padres e freiras que, detidos, enfrentam uma tortura brutal nas celas e campos de concentrações do governo. Quem duvida disso só precisa visitar o DOPS⁹ onde os corredores fedem a carne humana queimada, ou então questionar os valentões do Esquadrão da Morte¹⁰, que têm sangue inocente escorrendo pelas mãos.

‘É contra isso que estamos lutando, camaradas, e continuaremos, se necessário, até a morte.

‘Morte ao imperialismo americano!

‘Abaixo a ditadura militar!’”

E é só.

WEST: É o bastante.

CARLOS: O que você acha?

WEST: Eu discordo da sua análise econômica.

CARLOS: Não é uma análise. É a simples expressão da verdade.

WEST: Bem, eu suponho que essa seja uma maneira

way.

CARLOS: We do.

WEST: Well, what the hell do you expect me to say about it? It may be true or it may not be, and if it is I'm very sorry about it, but it's nothing to do with me.

CARLOS: It is now.

WEST: Look, why don't you go away?

CARLOS: First I have to tell you that we've said our conditions must be met by 6 p.m. on Thursday. We've said that if they aren't, we would have to execute you.

WEST: Ah.

CARLOS: What I wanted to say to you was that we don't expect the deadline will be met...

WEST: What?

CARLOS: It hardly ever is, it's just an arbitrary date we pick on, it sometimes takes the government a long time to agree to our terms. So you don't need to worry if nothing's happened by Thursday.

WEST: Well, I'm sure that's very thoughtful of you, but as a matter of fact, I've no idea what day it is, and even if I did, I couldn't see to look at my bloody watch, could I?

CARLOS: That's true, M. West, all I wanted was to reassure you you're not really in any danger. We have no intention of harming you, we, most of us, don't believe in attacking civilians of foreign nations, whatever interests they represent. And the government will certainly do what we ask before they

de se ver o assunto.

CARLOS: É como vemos.

WEST: Bem, e o que diabos você espera que eu diga, então? Pode ser que seja verdade ou não, e se for, eu sinto muito, mas não tem nada a ver comigo.

CARLOS: Agora tem.

WEST: Quer saber? Por que você não vai embora?

CARLOS: Primeiro eu preciso te dizer que nós já informamos que nossas condições precisam ser acatadas até quinta-feira, às 18:00. Dissemos que se não forem, vamos ter que te executar.

WEST: Ah.

CARLOS: O que eu queria te dizer é que nós não esperamos que esse prazo seja cumprido...

WEST: O quê?

CARLOS: Dificilmente é; trata-se apenas de uma data arbitrária que costumamos escolher; de vez em quando o governo demora um pouco para concordar com nossos termos. Então, você não precisa se preocupar se nada acontecer até quinta-feira.

WEST: Agradeço a consideração, mas para falar a verdade, não faço ideia de que dia é hoje, e mesmo que fizesse, eu não conseguiria enxergar meu maldito relógio para ver qual é, não é?

CARLOS: É verdade, Sr. West, tudo o que eu queria era deixar claro que você não está correndo nenhum perigo verdadeiro. Não temos intenção nenhuma de te machucar, nós – a maioria de nós – não somos a favor de se atacar civis ou estrangeiros, independente dos interesses que eles representam. E o governo

allow you to be harmed – they may not care about their people, but they tenderly love their investors. So you shouldn't worry too much. I know this is very inconvenient for you, but when we let you go, everyone will be very nice to you, and you can go back to England and sell your story to the papers for a few thousand pounds. You'll be very famous.

WEST: Well, it must be my birthday.

CARLOS: Someone will be in as soon as we can manage it to make you more comfortable and give you some food. I'm sure you must be hungry.

WEST: Why did you pick on me?

CARLOS: For poetic reasons.

WEST (*surprised*): What do you mean?

CARLOS: We liked your name.

(He exits quietly, without WEST hearing. WEST is silent for a moment, then he does the equivalent of drawing himself up to his full height.)

WEST: I wish to lodge a formal protest on behalf of Her Majesty's Government against this barbaric assault on a representative of the Crown, a premeditated act of violence contrary to all...

BLACKOUT

certamente fará o que pedimos antes de deixar que você seja machucado – eles podem não se importar com a população que representam, mas amam de coração os seus investidores. Então não se preocupe muito. Eu sei que isso tudo é muito inconveniente pra você, mas, depois que te libertarmos, todos serão muito simpáticos com você, e você vai poder voltar pra Inglaterra e vender sua estória por algumas várias libras. Você vai ser famoso.

WEST: Nossa, deve ser meu aniversário.

CARLOS: Assim que possível alguém virá pra te deixar mais à vontade e te dar algo pra comer, você deve estar morrendo de fome.

WEST: Por que me escolheram?

CARLOS: Por razões poéticas.

WEST (*surpreso*): Como assim?

CARLOS: Nós gostamos do seu nome.

(Ele sai silenciosamente, sem que WEST escute. WEST fica em silêncio por um momento, depois ele assume uma postura como se tivesse ficado de pé.)

WEST: Gostaria de fazer um protesto formal em nome do Governo de Sua Majestade contra esse ataque bárbaro a um representante da Coroa, um ato premeditado de violência contrário a tudo que...

BLECAUTE

NOTAS EXPLICATIVAS

M.R.B¹: o Movimento Revolucionário Brasileiro é uma organização política em vigência até hoje, tendo

atuado em diversas ações do movimento estudantil e participado da luta armada contra o regime militar, e que continua a ter como seus objetivos fundamentais a conscientização da população sobre seus direitos, pressionar o governo quando este não atua em prol da população, a busca pela igualdade, justiça e ética como base e fundamento da educação e, por fim, a instalação de um Estado Socialista no Brasil. Posteriormente seria rebatizada como M.R.8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), em memória ao dia em que Che Guevara foi capturado por soldados bolivianos.

Ehrenfried Anton Theodor Ludwig von Holleben (1909 - 1988)²: diplomata e embaixador alemão no Brasil no período de 1966 até 1970, quando foi sequestrado pelos guerrilheiros do ALN (Ação Libertadora Nacional) e do VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), na cidade do Rio de Janeiro, e libertado após uma negociação na qual 40 presos políticos do regime militar foram soltos.

Giovanni Enrico Bucher (1913 - 1992)³: diplomata e embaixador suíço no Brasil no período entre 1965 e 1970, quando também foi sequestrado por guerrilheiros dessa vez somente da VPR, em uma ação liderada pelos guerrilheiros Gerson Theodoro de Oliveira e Carlos Lamarca. Os militares aceitaram acatar com as exigências da VPR, e soltaram setenta prisioneiros políticos, sendo Giovanni libertado pouco mais de um mês após o seu sequestro.

Ato Institucional 5, 13/12/1968⁴: ato votado como uma retaliação ao pedido que um deputado havia feito para que os brasileiros não comemorassem o dia sete de setembro de 1968 como forma de protesto contra o governo militar. Está entre outros atos institucionais decretados logo após o golpe, por meio de um encontro entre membros do alto escalão do

governo militar. O A.I-5 dá poderes inimagináveis ao presidente e liberdades praticamente absolutas ao regime militar, sendo considerado por muitos o maior vilipêndio à democracia brasileira.

A reintrodução da pena de morte no mês de setembro de 1969⁵: A pena de morte havia sido abandonada no Brasil desde a Proclamação da República (1889), entretanto, de 1969 a 1978, ela voltou a ser prevista para os crimes políticos através do AI-5. Apesar de o regime militar ter condenado muitos militantes de grupos revolucionários da esquerda brasileira, não se conhece nenhuma execução legal nesse sentido, tendo muitos destes revolucionários sido assassinados antes de serem julgados, já que o *habeas-corporis* também havia sido revogado pelo AI-5

Carlos Marighella (1911 - 1969)⁶: político e guerrilheiro baiano, ajudou a montar a luta armada contra o regime militar desde o golpe de 64, e talvez seja o principal nome quando se discute a resistência armada da esquerda brasileira no período. Sua captura, logo, parecia iminente, sendo este perseguido por diferentes frentes do regime. Após diversas prisões e fugas finalmente em 1969 uma emboscada de agentes do DOPS, em São Paulo, resulta no seu assassinato.

Mario Alves (1923 - 1970)⁷: político e revolucionário carioca, foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro e, junto com Marighella, defendia a resistência armada através de atos de “terrorismo” contra o regime militar. Em 1970 ele desaparece ao ser preso e levado ao quartel da Polícia do Exército; as circunstâncias de sua morte são, até hoje, controversas.

Joaquim Câmara Ferreira (1913 - 1970)⁸: político e militante paulista, entrou no Partido Comunista em

1933 e passou a ser o diretor dos jornais distribuídos por meio deste. Em 1969 assume o comando da ALN em função do assassinato de Marighella, e em 1970 é preso pelo delegado Sérgio Fleury. Testemunhas informam que Joaquim foi torturado em um sítio clandestino, morrendo algumas horas depois de sua prisão, apesar das notas oficiais atestarem que este faleceu devido a problemas cardíacos.

DOPS⁹: criado em 1924 e reaproveitado em 1969, o Departamento de Ordem e Política Social foi um órgão muito utilizado pelo governo brasileiro para reprimir, através de censura ou prisão, quaisquer movimentos contrários ao regime militar em seu período de vigência. Em alguns estados brasileiros o DOPS ainda existe na atualidade, com função similar à que tinha no regime militar, sendo utilizado principalmente para censura de meios de comunicação e controle de armas de fogo.

Esquadrão da Morte¹⁰: organização paramilitar criada em 1960 com o simples objetivo de desaparecer com quaisquer indivíduos que incomodassem os militares ou oferecessem algum risco para eles. Tendo sua primeira formação comandada pelo detetive Mariel Mariscot, foi crescendo junto com o regime. O grupo fazia também a segurança principalmente de políticos ou membros do poder judiciário, e a quantidade de brasileiros que foram torturados e que precisaram “ser calados” pelo Esquadrão pode ultrapassar uma centena (oficialmente, claro, não houve nenhum).

REFERÊNCIAS

HAMPTON, Christopher. *Savages*. UK, London: Faber & Faber, 1974.

NORD, Christiane. “Defining Translation Functions: The translation brief as a guideline for the trainee translator”. *Ilha do Desterro (Brasilien)*, Special Issue Translation Studies in Germany, Florianópolis, ed. Wolfgang Lörcher, 2.1997, 39-53.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Tradução: Laureano Pelegri. São Paulo: EDUSC, 2002.

ⁱ Davi Silva GONÇALVES – Licenciado em Letras Inglês e Literaturas Correspondentes (2010) e Bacharel em Tradução (2011) pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) (2014) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES-DS.
Currículo Lattes Davi Silva Gonçalves. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4264535213871108>

RECEBIDO EM: 03 de setembro de 2016

ACEITO EM: 20 de dezembro de 2016

PUBLICADO EM: Dezembro de 2016 **251**